Significados em movimento: Um ensaio semiótico sobre o entorno de um projeto social esportivo

https://doi.org/10.56238/levv15n39-009

Leonardo Perovano Camargo
Doutor em Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

RESUMO
Este ensaio semiótico investiga o entorno de um projeto esportivo social localizado em área periférica, explorando as interações simbólicas e os significados culturais presentes nesse contexto. Utilizando uma abordagem reflexiva, o estudo examina como as dinâmicas sociais são influenciadas pela estrutura urbana e pelas condições socioeconômicas locais. A análise combina observações diretas e documentais para oferecer insights sobre a complexa realidade enfrentada pelos indivíduos envolvidos no projeto.

Palavras-chave: Ensaio semiótico, Projeto social esportivo.

1 INTRODUÇÃO

> “Conectar-se hoje significa conduzir à intersecção de dois tipos de mobilidade, aquela mobilidade própria do nosso corpo nos espaços físicos que habitamos e a mobilidade própria dos espaços informacionais que visitamos. Tudo se move em conexão.”.
> Lucia Santaella

Os estudos etnometodológicos emergiram como uma corrente sociológica influente na década de 1960 nos Estados Unidos, inaugurados por Harold Garfinkel com sua obra "Studies in Ethnomethodology" (1984). Essa abordagem fundamental desafia as concepções tradicionais ao explorar como o desenvolvimento e a compreensão de uma sociedade são moldados pelas interações cotidianas dos seus membros. A essência dos estudos etnometodológicos reside na análise detalhada das práticas sociais ordinárias, buscando desvendar os significados subjacentes às ações de cada indivíduo dentro de um grupo.

Paralelamente, essa perspectiva ecoa o conceito de interpretante dinâmico na semiótica de Peirce, que propõe um processo contínuo de interpretação e significação. O interpretante dinâmico representa o caminho pelo qual a investigação semântica se desenvolve, buscando alcançar um "interpretante final" que encapsula o máximo de significado possível para um conceito ou ideia (Santaella, 2010). Embora seja um ideal teórico, este conceito orienta a busca pela compreensão mais profunda das práticas sociais e culturais, incentivando uma reflexão constante sobre o conhecimento produzido.

A abordagem etnometodológica não se limita à simples observação; ela busca revelar as normas implícitas e os pressupostos subjacentes que governam a interação social. Ao estudar como os indivíduos constroem e mantêm a ordem social através de seus comportamentos diários, os pesquisadores etnometodológicos desafiam as narrativas dominantes sobre o funcionamento da sociedade, destacando a importância das práticas cotidianas na formação da realidade social.

No contexto contemporâneo, as aplicações dos estudos etnometodológicos expandiram-se para diversas áreas, desde análises microsociais detalhadas até estudos sobre tecnologia, organizações e comunicação. Essa abordagem continua a influenciar a sociologia e disciplinas afins, oferecendo um método robusto para explorar a complexidade das interações humanas e os significados que essas interações carregam para os indivíduos e grupos sociais.

Em suma, os estudos etnometodológicos e o conceito de interpretante dinâmico de Peirce oferecem *frameworks* poderosos para a análise social, encorajando uma compreensão mais profunda das práticas cotidianas como fundamentais para a compreensão da vida social e cultural. Essas perspectivas continuam a desafiar e enriquecer nosso entendimento das dinâmicas sociais contemporâneas e históricas.

Com a realidade atual (não realização das ações por conta da pandemia global) se apresentando como um obstáculo para as observações diretas e contato com os cotidianos das ações, optou-se por se inserir com segurança nos entornos (não estranhos ao pesquisador, visto sua origem periférica), para a obtenção de uma parcela dessa realidade a ser analisada. Visto que os temas educacionais do Olimpismo poderiam ser um caminho positivo de busca, e que o conceito de inclusão social trabalhado oferece objetivos concretos para a avaliação de uma possível alteração de uma dada realidade, pergunta-se, que realidade é essa? A análise documental (Perovano-Camargo et al., 2022) apresentou intenções positivas do programa esportivo social, mas sabe-se que a realidade dos egressos vai além das fotos sorridentes dos relatórios e redes sociais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

No processo de perquirição para se aproximar de uma análise adequada do caminhar no entorno do projeto esportivo social, utilizaremos como referencial teórico metodológico autores que nos possibilitem compreender os significados das realidades vividas por pessoas consideradas "vulneráveis".

Tendo o projeto esportivo social a certificação de Educação Olímpica, busca-se entender mais a fundo como essa metodologia poderia dialogar com o território. A autora Binder (2012), que trata dos temas educacionais do Olimpismo, cita, em seus estudos, as dificuldades culturais de comunicação educacional, visto as diferenças claras dos valores europeus em outras regiões geográficas, além de determinantes de crenças religiosas, imposições políticas e mesmo questões de ordens pessoais e subjetivas de diversos membros de diferentes sociedades. O tema educacional olímpico de "respeito pelos outros" talvez tenha sido o mais aceito globalmente, encontrando equivalentes em outras realidades, como o conceito de "ubuntu", da cultura africana. A partir da visão de ubuntu, uma sociedade não pode ser plena se não há respeito por todos os membros dela, pois "eu só sou um por causa dos outros". Partindo dessa premissa, pode-se relacionar esse valor à prática de inclusão social, em que Bailey (2005) sistematiza o pensamento inclusivo em quatro categorias: Espacial/Econômica, Relacional, Funcional e Poder; podendo relacionar com as classes às quais Donnelly mais se debruçou em seus estudos: social, gênero e etnia.

No design de projetos esportivos sociais, há a necessidade de compreender a forma de se trabalhar a partir dos seus participantes. Nichols (2007) utilizou as classificações de Brantingham e Faust (1976) para afirmar que haveria as formas: primária (participantes sem risco social), secundária (participantes em risco social – vulnerabilidade) e terciária (participantes que já transgrediram a lei). Nichols completa que o design do projeto seria a soma do risco com os mecanismos (distração, retenção e desenvolvimento pró-social) e suas formas de avaliação de resultados em relação aos objetivos.

De antemão, sabe-se que os valores educacionais olímpicos são eurocentrados, ressignificados nos currículos dos programas – os estudos de Binder (2012) deixam claro os processos de significação e ressignificação constantes, que podem ser aliados ao conceito de semiose da semiótica peirciana – e, finalmente, ressignificados por cada participante, podendo, ou não, impactar suas trajetórias de vida. Além disso, esses valores também podem incluir, excluir ou ser indiferentes aos seus praticantes.

O processo de perquirição (PEIRCE, 2003) do estudo busca, por indícios de inclusão social, as sensações (primeiridades semióticas) das experiências, dos fatos (secundidades semióticas) e os significados percebidos pelos praticantes (reflexões ou terceiridades semióticas), a serem avaliados em outro estudo.

Em relação aos indicadores de exclusão (saúde, educação, desemprego etc.), eles não seriam alterados se não fossem enfrentados os processos de sua causa. Relacionam-se as dimensões da inclusão social sistematizadas por Bailey (2005) a possíveis efeitos que as práticas esportivas poderiam gerar nesse processo, apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1 – Dimensões da inclusão/exclusão social

Dimensão	**Conceito**	**Possíveis efeitos da prática esportiva**
Espacial	Aproximar as diferenças e as distâncias econômicas e sociais dos indivíduos.	Unir indivíduos de contextos econômicos e sociais diversos em um interesse compartilhado e valorizado.
Relacional	Gerar um senso de pertencimento e aceitação.	Oferecer um senso de pertencimento a um time, clube ou programa.
Funcional	Aumentar o conhecimento, as habilidades e a compreensão dos indivíduos.	Prover oportunidades de desenvolvimento de capacidades e competências valiosas.
Poder	Mudar o local de controle do poder.	Aumentar o "capital comunitário", espalhando as redes sociais e aumentando a coesão da comunidade e o orgulho cívico.

Fonte: (Bailey, 2005, p. 76).

Vemos que a prática esportiva, a partir do pensamento de Bailey (2005), poderia alterar determinada realidade ao unir indivíduos de diversas origens sociais, proporcionando oportunidades de convívio na construção de redes de relacionamento ou, até, formas de aprimoramento econômico decorrentes das situações colocadas pela prática. Poderia, também, oferecer uma melhoria nas relações sociais ao aperfeiçoar o senso de coletividade ao redor de um programa esportivo social; desenvolver habilidades, capacidades, funcionalidades e competências, que seriam, então, utilizadas para a transformação das histórias de vidas dos participantes; e apurar as capacidades críticas e de exposição de visão de mundo, mudando o local do poder e aprimorando o surgimento de lideranças, coesões sociais e comunitárias para tomadas de decisão.

Há uma dúvida também em relação à "transferência de virtudes esportivas" para outros contextos da vida. Há o questionamento se a coragem necessária para realizar um desarme no *rugby* ou o senso de obrigação que um jogador adquire ao reorganizar o jogo observando as regras são

qualidades que ele também levaria para as dificuldades ou as confusões da vida moral humana. Essa análise da transferência, se testada empiricamente de forma fria, poderia ser tomada em uma teoria behaviorista ou atomística que se tornaria cega às complexidades da motivação humana. Se a visão de moralidade se restringir apenas à combinação de cumprimento de regras e à ideia de que o esporte é independente da moral, estaríamos nos abrindo a formas de competição profundamente questionáveis e até bárbaras – do boxe com punhos livres às lutas gladiadoras até a morte –, sem qualquer censura moral ou mesmo debate (CARR, 1998).

Nichols (2007) argumenta que o papel do esporte em programas sociais pode gerar impactos positivos, dependendo de planejamento e avaliação de evidências, trazendo uma categorização de tipologia de redução a partir do nível de risco dos participantes baseado no pensamento de Brantingham e Faust (1976), apresentada no Quadro 2:

Quadro 2 - Tipologia de nível de risco dos participantes

Nível	Conceito	Objetivo
Redução primária	Promoção de condições que evitem condutas negativas e estimulem as positivas.	Melhorar a comunidade.
Redução secundária	Identificação de territórios vulneráveis e intervenção na direção da prevenção.	Prevenir grupos de risco.
Redução terciária	Trabalhar com aqueles já identificados como transgressores da lei.	Reeducar e prevenir a reincidência.

Fonte: Brantingham e Faust (1976).

A partir dessa tipologia exposta no Quadro 2, Brantingham e Faust (1976) relacionam o design dos programas esportivos aos riscos dos participantes, enfatizando a importância de identificar e categorizar os níveis de risco para efetivamente projetar e implementar programas sociais que respondam às necessidades específicas de diferentes grupos.

3 REALIDADES PERIFÉRICAS: REFLEXÕES SOBRE COTIDIANOS E DESIGUALDADES SOCIAIS

Permiti-me, em caráter ensaístico, me posicionar em primeira pessoa a partir deste parágrafo, claro que deixando em aberto a críticas estilísticas para a continuidade do trabalho. Mas minha interpretação, como um ponto de vista não neutro, acredito que possa contribuir na reflexão.

A Estação Conhecimento localiza-se no início de um bairro planejado (estilo COHAB, Habitações de interesse social implantadas pelas Companhias Habitacionais), denominado Cidade Continental (no Setor Europa, suas zonas são nomeadas com menções aos continentes do globo terrestre), construído na metade da década de 90. Entretanto, a formação anterior desse território geográfico remonta à história de seu bairro limítrofe, Novo Horizonte, no fim da longa Avenida Brasil.

Em um dia específico, 28 de outubro de 2020, durante o que poderia ser considerado um período pré-segunda onda da pandemia de Covid-19, eu me preparo, colocando minha máscara, e saio

de casa. Cumprimento Dona Lúcia, minha vizinha idosa e negra, que vive sozinha e trabalha como cuidadora de um idoso acamado. Navego por uma rua longa em meu bairro periférico, Carapina Grande, classificado em 234º lugar entre 238 bairros na Grande Vitória pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, atrás até mesmo de áreas notoriamente desafiadoras onde já trabalhei como coordenador e educador social no Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI).

Caminho até um ponto de lazer significativo: um bar frequentado intensamente à noite, ao lado de uma ampla área verde e um campo de futebol oficial meticulosamente mantido, completo com arquibancadas, vestiários e uma área de churrasco - benefícios resultantes da influência política de um vereador local apaixonado pelo esporte. Passo por diversas casas de todos os tipos, desde as raras e majestosas, geralmente protegidas, até as mais comuns e simples, abertas e coloridas com varais e crianças brincando na rua.

Minha jornada continua ao atravessar a BR-101, que atravessa o Brasil de norte a sul, conectando Touros, no Rio Grande do Norte, a São José do Norte, no Rio Grande do Sul. Para encurtar o caminho até a Estação Conhecimento, uma área que conheço bem desde a infância, passo por uma pequena favela, pontos de prostituição e focos de tráfico de drogas.

Chegando ao bairro Novo Horizonte, classificado em 173º de 238 no ranking de bairros da Grande Vitória pelo Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, mergulho na história deste lugar que teve origem nos anos 50 como um loteamento rural. Até 1967, o centro de Vitória abrigava a elite cafeicultora capixaba e zonas de meretrício, resultando em conflitos de classe notáveis. A resposta governamental foi a expulsão forçada das prostitutas para uma área afastada, denominada São Sebastião, conhecida localmente como Carapeba (que do “tupi akará péua” significa “música ruidosa executada por diversos instrumentos em completa dissonância”, descrição que combina com os testemunhos dos frequentadores desta antiga zona de meretrício que conversei, vários prostíbulos uns colados aos outros em completa desordem). Esse bairro, inicialmente desprovido de infraestrutura, dependia principalmente da renda gerada pelos prostíbulos, que continuavam a atender a elite do Centro de Vitória e os trabalhadores do porto de Tubarão.

A rua Cigana, que funcionava 24 horas, era o epicentro da atividade, com todas as edificações transformadas em prostíbulos. Hoje, essas estruturas se tornaram residências, mantendo sua arquitetura original, muitas vezes sem que os atuais moradores, comerciantes e até mesmo líderes religiosos imaginem o que ocorreu dentro de seus próprios lares no passado. A antiga Boate Atlântica, um ícone da década de 70 frequentado por políticos e pessoas de alta renda, agora abriga uma clínica particular para dependentes químicos, conforme detalhado na pesquisa coordenada pela professora doutora em sociologia Rossana Mattos (2014). Esta exploração revela não apenas a evolução física do bairro, mas também os desafios sociais persistentes enfrentados por suas comunidades ao longo das décadas.

4 ENTRE CONTRASTES E DESAFIOS: UMA JORNADA PELO BAIRRO NOVO HORIZONTE

Atualmente, o bairro Novo Horizonte se destaca por uma avenida principal urbanizada e repleta de estabelecimentos comerciais, servindo muitas vezes como um corredor de passagem para os balneários de Serra. Essa via se estende por ramificações que alcançam regiões marginais, onde se concentram grandes bolsões de pobreza. Na entrada do bairro, um grande supermercado compartilha espaço com um condomínio fechado, contrastando com áreas adjacentes como um campo de terra batida, um posto de saúde movimentado e uma igreja que oferece serviços de assistência social. Comércios variados e uma segunda grande rede de supermercados marcam os extremos do bairro, limitando-se à entrada de Cidade Continental, onde se localiza a Estação Conhecimento — um complexo esportivo que se destaca como um oásis em meio à periferia, situado próximo à antiga área de um presídio.

Nesse ponto geográfico, outrora conhecido como São Sebastião, uma delegacia surgiu como resposta aos crimes associados à prostituição em uma região isolada e carente de infraestrutura. Em 1983, próxima à delegacia de Novo Horizonte, foi estabelecida uma casa de custódia que, com o tempo e a superlotação dos presídios estaduais, se transformou em uma unidade prisional. Em maio de 2006, diante da superlotação extrema, foram instaladas celas metálicas, conhecidas como "micro-ondas", para ampliar a capacidade já excedida. Essas condições desumanas resultaram em motins, fugas em massa e incêndios, gerando terror nas proximidades e exigindo a intervenção do Batalhão de Missões Especiais. Somente em novembro de 2009, por determinação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), as celas foram desativadas após abrigarem mais de 3 mil presos, revelando um cenário de degradação comparável a poucos na história da humanidade.

Além dessas condições extremas, o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP) havia solicitado intervenção federal no Espírito Santo devido às denúncias de tortura, esquartejamento e precariedade nas unidades prisionais. Superlotação, falta de infraestrutura básica como água e energia, e condições insalubres eram apenas algumas das atrocidades documentadas, mostrando um desrespeito flagrante aos direitos humanos.

Após essas reflexões impactantes, recordo-me das palavras de um gestor de programas sociais esportivos sobre o investimento necessário para transformar vidas jovens, comparando-o ao custo de manter jovens em medidas socioeducativas. Essa comparação não apenas questiona a humanidade básica envolvida, mas também destaca a eficácia e o valor de abordagens humanizadas na juventude.

Caminhando pela ciclovia, observo as instalações esportivas da Estação Conhecimento através das grades, onde um campo bem cuidado e placas desgastadas coexistem em um silêncio incomum desde março de 2020. Ao deixar o perímetro do complexo, vejo a imagem de Coubertin adornando uma das estruturas, contrastando com um campo de futevôlei e um bar nas proximidades.

Ao retornar para Carapina Grande, meu bairro de origem, removo a máscara e higienizo as mãos, refletindo sobre meu dia de campo. As experiências, embora impactantes, são um reflexo diário de uma realidade que conheço bem, marcada por contrastes sociais, injustiças e histórias de resistência que transcendem gerações.

5 REFLEXÕES SOBRE CONTRASTES SOCIAIS E RESISTÊNCIA: UM OLHAR CRÍTICO

Após um intenso dia de imersão no bairro Novo Horizonte, é inevitável não refletir sobre as complexidades e contradições que permeiam essa comunidade. Enquanto observava a urbanização da avenida principal, repleta de comércios variados e estabelecimentos modernos como condomínios fechados e supermercados, não pude deixar de contrastar essa realidade com as ramificações marginais que revelam bolsões de pobreza e desigualdade social.

A ausência de atividades nos complexos esportivos desde o início da pandemia reflete não apenas uma pausa temporária nas possibilidades de iniciativas de inclusão social, mas também levanta questões sobre a sustentabilidade e o impacto desses programas nas comunidades afetadas. A discussão sobre investimentos em programas sociais esportivos versus medidas socioeducativas ressoa como um lembrete poderoso da importância de abordagens humanizadas e preventivas na juventude.

Ao revisitar o bairro através da memória de suas transformações e resistências, desde os dias de São Sebastião até os desafios contemporâneos enfrentados pelos moradores, somos levados a contemplar não apenas os aspectos visíveis da urbanização e do desenvolvimento, mas também as narrativas ocultas de marginalização e adaptação. A história de Novo Horizonte é marcada por um legado complexo de conflitos sociais e lutas por direitos, refletindo uma teia intricada de identidades culturais e aspirações coletivas.

Enquanto documentava minhas observações, as histórias de vida dos moradores ecoavam nas ruas: desde a prosperidade fugaz dos prostíbulos da antiga São Sebastião até a persistência dos moradores atuais em meio a desafios contínuos. Essas narrativas não apenas humanizam o panorama árido de estatísticas e relatórios, mas também destacam a resiliência e a solidariedade que moldam o tecido social do bairro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta reflexão sobre os arredores do projeto esportivo social, suas dinâmicas sociais e a interseção com a semiótica, é essencial reafirmar o papel crucial que essas abordagens desempenham como agentes de transformação e inclusão social. A jornada por esses bairros revelou não apenas os contrastes gritantes entre desenvolvimento urbano e marginalização, mas também as histórias de resiliência e esperança que permeiam suas ruas e comunidades. O projeto esportivo social em análise tem seu endereço de correspondência em Cidade Continental – Setor Europa, um conjunto

residencial que sofre extrema influência de Novo Horizonte e sua história. A intenção desse ensaio foi apenas de reconhecimento inicial de território, as realidades e dinâmicas atuais claramente serão outras.

A semiótica, através do conceito de interpretante dinâmico de Peirce, nos lembra da complexidade das interpretações e significados que permeiam as práticas sociais e culturais da região. Cada interação, seja ela no campo esportivo, nos espaços públicos urbanizados ou nos resquícios históricos de uma prisão desativada, carrega consigo camadas de significado que só podem ser compreendidas plenamente através de um olhar sensível e contextualizado.

A educação física, por sua vez, emerge como uma ferramenta poderosa para promover a integração social e a saúde comunitária. Enquanto observava as instalações esportivas que, mesmo paralisadas pela pandemia, continuam a simbolizar um oásis de oportunidades em meio à adversidade. Não se trata apenas de ensinar habilidades atléticas, mas de fomentar valores como respeito, cooperação e autodeterminação que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

As questões sociais levantadas, desde a história de São Sebastião até os desafios contemporâneos enfrentados pelos moradores, ecoam como um chamado à ação. É imperativo que as políticas públicas e as iniciativas comunitárias estejam alinhadas não apenas com a mitigação das desigualdades, mas também com a promoção de uma cultura de respeito e dignidade para todos. A educação física, inserida nesse contexto, tem o potencial não apenas de proporcionar oportunidades de desenvolvimento físico e mental, mas também de fortalecer os laços sociais e empoderar indivíduos para enfrentar os obstáculos que surgem em seu caminho.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Wagner. Símbolo de torturas, presídio de Novo Horizonte será demolido. 2011. Redação Multimídia do Gazeta Online. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/05/noticias/especiais/852917-simbolo-de-torturas-presidio-de-novo-horizonte-sera-demolido.html. Acesso em: 28 out. 2020.

BAILEY, Richard Bailey. Evaluating the relationship between physical education, sport and social inclusion. Educational Review, 57:1, 71-90, 2005.

BINDER, Deanna L. Olympic values education: evolution of a pedagogy. Educational Review. p. 275-302, 2012.

CARR, David. What moral educational significance has physical education? A question in need of disambiguation. In: MCNAMEE, Mike; PARRY, Jim. Ethics and Sport. London: E&FN Spon, 1998.

CASTRO, S. B. E. de; SOUZA, D. L. Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. Movimento (ESEFID/UFRGS), 17(4), 145–163, 2011.

DONNELLY, P. Approaches to Social Inequality in the Sociology of Sport. Quest. p. 221–242. 1996.

GOELLNER Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G; NECKEL, J.F.L.; GOELLNER, S.V. (orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate

MATTOS, Rossana . Exclusão socioterritorial e violência urbana no Bairro de Novo Horizonte? Serra/ES.. In: 8ª Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2014, Vitória. Anais da Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: EDUFES, 2014. v. v. 1. p. 1-13.

NICHOLS, Geoff. Sport and crime reduction: the role of sports in tackling youth crime. Londres: Routledge, 2007.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 2003. 211-241.

PEROVANO-CAMARGO, L.; MATARUNA-DOS-SANTOS, L.J.; TAVARES, O. Sport, Olympic educational values and social inclusion: Possible approaches. Journal of Human Sport and Exercise, 16, S74-S83. Universidad de Alicante: 2021.

PEROVANO-CAMARGO,Leonardo. et al. Análise documental de projeto esportivo social: realidades editadas. In: Anais do XVI Congresso Espírito-Santense de Educação Física: Educação Física em Tempos de Pandemia: implicações para a escola, o lazer, a saúde e o esporte [recurso eletrônico] / Centro de Educação Física e Desportos Universidade Federal do Espírito Santo (organização). - Dados eletrônicos. - Vitória, ES : Cemefec, 2022.

SANTAELLA, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.